

# Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

4

JANEIRO . FEVEREIRO. MARÇO DE 1977

# BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Seminário de Aveiro

Telef.: 034 - 22172

Condições de assinatura anual:

*Via Normal:*

Continente, Ilhas e Espanha . 60\$00

Outros países . . . . . 90\$00

*Via Aérea:*

Estrangeiro . . . . . 120\$00

Número avulso . . . . . 20\$00

---

**4**

**Janeiro - Fevereiro - Março 1977**

Abertura

Dimensão penitencial das «colectas da Quaresma» — *L. Ribeiro*

A Páscoa e a sua celebração — *J. Ferreira*

## SITUAÇÕES PASTORAIS

O Salmo Responsorial — *Músicas de M. Faria, M. Luís e M. Simões*

Celebrar a reconciliação em comunidade — *Leão Cordeiro*

Critérios fundamentais para escolher os cânticos litúrgicos — *M. Luís*

---

*Composto e Impresso na «Gráfica de Coimbra»*

*A aproximação da Páscoa, com o tempo da Quaresma que lhe serve de preparação, justifica a orientação dada à maior parte dos artigos deste número do BPL. Como de costume, segue-se, em princípio, o critério de apresentar primeiro temas de reflexão sobre pastoral litúrgica, e, numa segunda parte, sugestões pastorais em ordem à celebração. No entanto, esta distinção não é necessariamente levada ao extremo; numa e noutra das duas secções podem encontrar-se elementos de reflexão doutrinal, e em ambas é frequente apontarem-se pistas de acção. Seria até mal, se assim não fôsse.*

*Mas desta vez essa distinção é ainda menor, simplesmente porque as coisas aconteceram assim, dados os temas propostos e a necessidade de não ultrapassar o número de páginas previsto.*

*Assim, a Dimensão penitencial da Quaresma é apresentada a partir da própria maneira de rezar proposta pela liturgia quaresmal nas «colectas» das Missas da Quaresma. Pode ser esta uma excelente ajuda para iniciar na oração litúrgica. Dada a limitação do espaço disponível, teve de ficar para próxima oportunidade uma parte do trabalho sobre «A oração 'colecta'» em geral.*

*A Quaresma caminha para a Páscoa. É esta a sua razão de ser. Muito mais do que o Advento em relação ao Natal, a Quaresma é a preparação da Páscoa. Mas a Páscoa precisa de ser redescoberta. E será na celebração da Páscoa que havemos de descobrir sempre mais o seu mistério e nele participar. A Páscoa e a sua celebração pretende ajudar neste sentido.*

*Mas na linha das Sugestões pastorais, queria apresentar-se hoje uma reflexão sobre «o acto penitencial», para valorização do qual têm sido apresentados elementos nos números anteriores do BPL, a título precisamente de sugestão. Mas o BPL não é um livro litúrgico, nem o quer substituir, nem o deve substituir; quer apenas ajudar a compreender os livros*

*litúrgicos e a celebrar a partir deles. Por isso, não se continuarão a publicar, ao menos de maneira habitual, as Sugestões para valorizar o acto penitencial; mas queria publicar-se uma reflexão final sobre o mesmo. Está feita e composta, mas, por falta de espaço, terá de ficar para a próxima vez.*

*Para O Salmo Responsorial continuam a apresentar-se melodias. Trata-se de um elemento fundamental, que faz parte integrante da celebração da palavra, para a qual ainda há muita falta de melodias e que sobretudo ainda não foi apanhado na maior parte das comunidades, mesmo daquelas que não encontram dificuldade em cantar na celebração! Ainda um longo caminho há para percorrer! O BPL quer ajudar a percorrê-lo.*

*A Quaresma é o tempo da reconciliação; e em comunidade. É a Igreja que celebra a Quaresma, que durante ela faz penitência, que no termo dela quer celebrar a Páscoa. Deve, portanto, celebrar também como Igreja essa penitência que faz. Mas as celebrações penitenciais, seguidas ou não imediatamente do sacramento, estão ainda a dar os primeiros passos. Celebrar a reconciliação em comunidade é uma sugestão pastoral que pretende ajudar a ler e a pôr em prática o novo Ritual da Reconciliação.*

*Na sequência da publicação dos resumos dos trabalhos apresentados no Encontro de Pastoral Litúrgica, que o Secretariado Nacional de Liturgia organizou em Fátima em Setembro último, publica-se hoje mais um desses resumos, este sobre os Critérios fundamentais para escolher os cânticos litúrgicos. Para que o tema pudesse ser apresentado com a necessária clareza, mesmo em resumo, como o exigia o seu carácter pragmático e tão oportuno, vai ele desenvolvido com maior amplitude do que os anteriores. E o assunto merece-o!*

*O Noticiário, se bem que já preparado, não conseguiu também encontrar desta vez o lugar do costume. Mas não perde a oportunidade.*

## DIMENSÃO PENITENCIAL DAS «COLECTAS DA QUARESMA»

Uma das melhores formas para entender o verdadeiro e profundo sentido da penitência é procurá-lo na própria vida e experiência da Igreja.

Ao ser organizada a quaresma nos séculos IV-V, ela aparece fundamentalmente como o tempo privilegiado para a conversão dos catecúmenos e dos penitentes. E ainda hoje são estes os dois aspectos característicos do tempo quaresmal (cf. SC 109). O ritual da *Celebração da Penitência*, por sua vez, recorda que «o tempo da quaresma é o mais próprio para celebrar o sacramento da Penitência» e que «é bom que se façam diversas vezes, ao longo da quaresma, celebrações penitenciais» (*Preliminares* 13).

A penitência porém não se reduz à sua celebração sacramental. O povo de Deus realiza-a de muitos e variados modos: comungando pela paciência nos sofrimentos de Cristo, exercendo obras de misericórdia e de caridade, convertendo-se dia a dia e cada vez mais segundo o Evangelho de Cristo. E tudo isto a Igreja o exprime na vida e o celebra na liturgia (cf. *Preliminares* 3-4).

Inserida na quaresma, a penitência insere-se na história da salvação como conversão de todo o povo de Deus e prepara para a celebração do acontecimento fundamental da história deste povo: o mistério pascal de Cristo. Por seu lado, a Igreja, na escolha das leituras e na oração litúrgica, imprime uma direcção segura à prática penitencial, orientando-a para a celebração da Páscoa de Cristo e dos cristãos.

### As colectas da quaresma

A quaresma não constitui um ciclo ou um tempo à parte no conjunto do ano litúrgico. Ela é principalmente um tempo de preparação gradual e progressiva, na oração e na penitência, para a celebração dos mistérios pascais.

Já na quarta-feira de cinzas se faz ouvir diante do povo de Deus o solene convite: «Arrependei-vos e acreditai no Evangelho». A quarta-feira de cinzas, que constitui para todo o cristão a lembrança da sua

condição de pecador, orienta já para a Páscoa iluminando este tempo com a esperança da ressurreição:

«Para que, fiéis à observância quaresmal, mereçam chegar com o coração purificado à celebração do mistério pascal de vosso Filho» <sup>(1)</sup>.

«Possamos alcançar o perdão dos pecados e a renovação da vida, à imagem de vosso Filho ressuscitado» <sup>(2)</sup>.

A prática penitencial não tem outro sentido que não seja a conversão, a mudança de vida, a libertação. Segundo os Padres da Igreja, o jejum e a esmola deviam conduzir a uma libertação para o próprio e para os outros. O despreendimento de si deve traduzir-se numa preocupação eficaz pelas necessidades dos outros. Só assim o jejum se torna eficaz para quem o pratica, tornando-o digno de participar na Páscoa do Senhor:

«Fazei que, mortificando o corpo pela penitência, renovemos o espírito com o fruto das boas obras» <sup>(3)</sup>.

«Que os vossos fiéis se preparem convenientemente para o mistério pascal, e a mortificação corporal a todos aproveite» <sup>(4)</sup>.

«Convertei-nos, ó Deus nosso Pai: desejando a única coisa necessária e praticando as obras da caridade, vivamos dedicados ao vosso culto» <sup>(5)</sup>.

«Fazei que nós, vossos servos, purificados pela penitência e experimentados em boas obras, perseveremos constantes na observância dos vossos preceitos e cheguemos confiantes às festas pascais» <sup>(6)</sup>.

### **A luta libertadora**

Não se trata aqui simplesmente de uma salvação escatológica ou de uma libertação do espírito em sentido maniqueísta ou platónico. Trata-se de uma luta de todo o ser em vista à salvação que se realiza já neste tempo:

---

<sup>(1)</sup> Oração da imposição das cinzas.

<sup>(2)</sup> Outra oração da imposição das cinzas.

<sup>(3)</sup> Colecta da quarta-feira da 1.<sup>a</sup> semana.

<sup>(4)</sup> Colecta da sexta-feira da 1.<sup>a</sup> semana.

<sup>(5)</sup> Colecta do sábado da 1.<sup>a</sup> semana.

<sup>(6)</sup> Colecta da quinta-feira da 4.<sup>a</sup> semana.

«Concedei-nos, Senhor, começar com santo jejum este tempo da quaresma; e pois teremos de combater contra os espíritos do mal, sejamos fortalecidos com o auxílio da temperança» (7).

Esta oração contém um pensamento bastante válido que entretanto corre o risco de induzir em erro. Ela não quer significar que a extenuação das possibilidades humanas é a boa base para o combate contra o mal, mas simplesmente que a libertação espiritual e material nos torna disponíveis e ligeiros para conduzir bem o combate. E que tal combate exige a mobilização de todas as energias.

A verdadeira liberdade não é somente a liberdade-libertação escatológica, mas a liberdade-libertação a partir de situações concretas de injustiça, de desprezo, de ódio. A liberdade é antes de mais dom de Deus, fruto do mistério pascal, mas é também o resultado de compromissos onerosos e crucificantes por parte dos homens.

### **A preparação da Páscoa**

Nem temos que esperar pela Páscoa para começarmos a participar dos seus frutos. O mistério pascal assume uma grande amplitude, designando não só os grandes sacramentos da Páscoa, mas também todo o complexo litúrgico e penitencial em que são celebrados. Podemos dizer que toda a quaresma é já celebração deste mistério de Páscoa. Assim se exprime a liturgia logo no início da quaresma:

«Senhor: fazei-nos dignos de Vos apresentar estes dons com os quais damos início à celebração deste sagrado mistério» (8).

A quaresma, o jejum, a celebração da penitência fazem já parte deste grande sacramento da Páscoa, porque manifestam uma eficácia que lhes vem dos gestos salvíficos de Cristo:

«Ele consagrou com o seu jejum a observância quaresmal e vencendo as tentações da antiga serpente, nos ensinou também a vencê-las: para que, celebrando dignamente o mistério pascal, passemos finalmente à Páscoa eterna» (9).

---

(7) Colecta da quarta-feira de cinzas.

(8) Oração sobre as oblatas do 1.º domingo da quaresma. Para o tempo pascal, ver a colecta da vigília do Pentecostes.

(9) Prefácio do 1.º domingo da quaresma.



Toda a celebração litúrgica da quaresma e todas as formas penitenciais têm em vista a renovação profunda dos cristãos e da humanidade em ordem à sua reconciliação com Deus. A penitência e o jejum ajudam-nos a obter o perdão <sup>(10)</sup>. Mas a finalidade desta penitência é sobretudo o cumprimento do mistério de Cristo em nós e no tempo da Igreja:

«Praticando com alegria esta exercitação quaresmal, nós Vos suplicamos, Senhor, que recebamos em plenitude o efeito dos mistérios pascais» <sup>(11)</sup>.

«Concedei-nos a graça de imitar os exemplos da sua paixão, a fim de merecermos ter parte na sua ressurreição» <sup>(12)</sup>.

A penitência coloca-nos face à nossa pobreza e leva-nos a reconhecer a acção da graça na nossa fraqueza (cf. 2 Cor 12, 9-10). E com o aproximar-se do tríduo sagrado a consciência de pecado e de fraqueza torna-se ainda mais aguda. É então que nos damos conta de quanto ainda nos falta para o pleno restabelecimento:

«Olhai propício para a nossa fraqueza, e protegei-nos com o vosso poder» <sup>(13)</sup>.

«Concedei-nos, Deus onipotente, que, pela virtude da paixão de vosso Filho unigénito, nos levantemos da nossa fraqueza» <sup>(14)</sup>.

### **A libertação é obra de Cristo**

O cristão sabe que finalmente a sua libertação é obra de Cristo que venceu o nosso inimigo e nos faz participar na sua vitória <sup>(15)</sup>. A experiência penitencial constitui uma caminhada gradual e progressiva no conhecimento e participação do mistério de Cristo:

---

<sup>(10)</sup> Cf., por exemplo, as colectas do 4.º domingo da quaresma, da quarta-feira da 1.ª semana, do sábado da 1.ª semana, da segunda-feira da 5.ª semana, da quarta-feira da 4.ª semana e da terça-feira da semana santa.

<sup>(11)</sup> Colecta do sábado da 3.ª semana.

<sup>(12)</sup> Colecta do domingo de ramos. Ver ainda a colecta da quarta-feira da semana santa.

<sup>(13)</sup> Colecta do sábado depois das cinzas.

<sup>(14)</sup> Colecta da segunda-feira da semana santa.

<sup>(15)</sup> Cf. o prefácio da segunda, terça e quarta-feira da semana santa.



«Concedei-nos, ó Deus onnipotente que, pela exercitação quaresmal, alcancemos maior compreensão do mistério de Cristo»<sup>(16)</sup>.

Se os cristãos vivem esta experiência penitencial e celebram a reconciliação de preferência no tempo da quaresma, é sobretudo para penetrarem mais profundamente na inteligência e no dinamismo da Páscoa do Senhor:

«Olhai benigno para a confissão da nossa humildade, de tal modo que, entristecidos pelo testemunho da consciência, sejamos reconfortados pela vossa misericórdia»<sup>(17)</sup>.

«Dai-nos, por vossa bondade, como alimento da nossa vida fervorosa aquele amor com que vosso Filho unigénito amou o mundo e Se entregou à morte»<sup>(18)</sup>.

A penitência quaresmal é pois preparação e antecipação do mistério de amor que a Páscoa celebra. E a presença da Páscoa de Cristo não tem outro sentido senão provocar um avanço da sua Igreja no caminho da salvação, na linha da transfiguração e iluminação do baptismo:

«Para que, em nossos dias, possamos ver aumentado o vosso povo em mérito e em número»<sup>(19)</sup>.

«Olhai benigno para os vossos escolhidos, protegei-os com a vossa protecção e fortalecei-os na graça da regeneração»<sup>(20)</sup>.

A liturgia é uma via dinâmica de conversão, um caminho que conduz trabalhosamente, mas com certeza, à salvação, à emancipação da escravatura, à paz do último dia, mas sempre com repercussão nos nossos dias<sup>(21)</sup>. Por isso a Igreja na sua liturgia terrena faz este voto a Deus e a nós:

---

<sup>(16)</sup> Colecta do 1.º domingo da quaresma. Cf. a oração depois da 7.ª leitura da Vigília pascal e as colectas da segunda-feira da 1.ª semana, do 2.º domingo, da sexta-feira da 2.ª semana, da quinta-feira da 3.ª semana, da segunda e quarta-feira da 4.ª semana, da terça e quarta da 5.ª semana.

<sup>(17)</sup> Colecta do 3.º domingo.

<sup>(18)</sup> Colecta do 5.º domingo.

<sup>(19)</sup> Colecta do sábado da 5.ª semana.

<sup>(20)</sup> Colecta da terça-feira da 5.ª semana.

<sup>(21)</sup> Cf. H. SCHMIDT, *Lineas de conducta de la liturgia actual*, in: Concilium (ed. espanhola) 92 (1974) 191.

«Que realizemos na vida o que em nós se operou de modo sacramental» <sup>(22)</sup>.

«Que vivam sempre unidos em perfeita concórdia os que foram saciados com os mistérios pascaís» <sup>(23)</sup>.

### Um esforço contínuo

Finalmente, se a penitência implica um esforço contínuo de conversão, a necessidade de arrependimento e a tristeza do pecado, ela deve acentuar principalmente a alegria do retorno e do perdão e o entusiasmo de uma vida nova:

«Purificado o nosso olhar espiritual, gozemos jubilosos da visão da vossa glória» <sup>(24)</sup>.

«Vós preparastes os auxílios convenientes à nossa fraqueza; fazei que os recebamos com alegria» <sup>(25)</sup>.

«E agora alegrais o vosso povo com graças mais abundantes» <sup>(26)</sup>.

«Praticando com alegria esta exercitação quaresmal...» <sup>(27)</sup>.

«Concedei-nos, Senhor, que nos alegremos nestes mistérios pascaís; e que o acto sempre renovado da nossa redenção se torne para nós causa de alegria eterna» <sup>(28)</sup>.

O clima normal de toda a liturgia penitencial é pois a alegria pascal. É que, se a penitência é preparação para a Páscoa, ela é principalmente fruto da Páscoa.

Luís RIBEIRO

---

<sup>(22)</sup> Oração depois da comunhão do 3.º domingo.

<sup>(23)</sup> Oração depois da comunhão da Vigília pascal.

<sup>(24)</sup> Colecta do 2.º domingo.

<sup>(25)</sup> Colecta de sexta-feira da 4.ª semana.

<sup>(26)</sup> Colecta do sábado da 5.ª semana.

<sup>(27)</sup> Colecta do sábado da 3.ª semana.

<sup>(28)</sup> Oração sobre as oblatas do 4.º domingo da Páscoa.

## A Páscoa e a sua celebração

Quem se lembra ainda da Semana Santa antes da reforma que dela fez Pio XII? E quem não recorda a alegria com que foi recebida a Vigília pascal restaurada (1951 e depois, de novo, 1952) e, mais tarde, toda a Semana Santa (1955)? Se essas sucessivas reformas ajudaram a redescobrir o essencial da liturgia da Páscoa, um aspecto continuava ainda muito confuso: a determinação dos dias precisos em que se faz a celebração da Páscoa. Nessa reforma, o acento era posto sobre a *Semana Santa*. O respectivo livro litúrgico então publicado chamava-se precisamente *Ordo Hebdomadae Sanctae instauratus*. Fala-se também aí, é certo, de um Tríduo sagrado; mas este é então a Quinta-feira Santa, a Sexta-feira Santa e o Sábado Santo; e o chamar-lhe tríduo pretende apenas fazer referência a três dias que se regem por rubricas especiais. Quanto à Vigília pascal, esta desenrola-se toda sob a epígrafe do Sábado Santo; nem uma única referência ao Domingo da Ressurreição em todo o *Ordo* da Semana Santa!

Seria necessário esperar pela reforma geral da liturgia empreendida pelo concílio Vaticano II para vermos levada até ao fundo e organizada com clareza a reforma da celebração litúrgica do mistério pascal.

Segundo o novo Missal Romano, que retoma simplesmente toda a tradição cristã, a celebração anual da Páscoa ocupa três dias, designados por *Tríduo pascal*. Esses dias são a *Sexta-feira Santa*, o *Sábado Santo* e o *Domingo da Ressurreição*. É este o tríduo da «morte, sepultura e ressurreição» do Senhor, como se exprime. S Agostinho<sup>(1)</sup>.

É o dia de Quinta-feira Santa que muitas vezes despista ao querer determinar-se quais os dias do Tríduo pascal. Na realidade, o *dia* de Quinta-feira Santa é o último dia, o 40.<sup>o</sup>, da Quaresma, começando a contar esta a partir do I Domingo<sup>(2)</sup>. O entardecer, porém, da Quinta-

---

<sup>(1)</sup> Ep. 55, 14.

<sup>(2)</sup> Foi sempre a partir do I Domingo que se contaram os 40 dias, de tanta tradição na Bíblia. Os quatro dias que antecedem o primeiro Domingo, da Quarta-feira de Cinzas ao sábado seguinte, teriam sido acrescentados para completar os

-feira, considerada como «a véspera da sua Paixão»<sup>(3)</sup> ou «a noite em que Ele ia ser entregue»<sup>(4)</sup>, em que, o Senhor, na última Ceia, instituiu a Eucaristia, traz muito naturalmente a recordação desta instituição do mistério eucarístico, que as narrações bíblicas apresentam intimamente articulada com a Paixão. A Eucaristia é, na realidade, a celebração sacramental da própria Paixão; como tal o Senhor a instituiu. Pareceu, por isso, oportuníssimo que a celebração da Páscoa se inaugurasse, como Jesus fez, com a evocação da última Ceia. Aliás, na tradição bíblica, que a liturgia cristã continuou, o entardecer articula-se facilmente com o dia seguinte e as celebrações vespertinas inauguram frequentemente a celebração do dia litúrgico que então começa<sup>(5)</sup>. É assim, numa perspectiva profundamente teológica, que «o Tríduo pascal se inaugura com a Missa vespertina da Ceia do Senhor»<sup>(6)</sup>, ao entardecer de Quinta-feira Santa. Não se trata, portanto, nem de uma festa anterior ao Tríduo pascal, nem de uma espécie de quarto dia anteposto ao mesmo; é pura e simplesmente a abertura soleníssima da celebração pascal, em que, depois do longo jejum quaresmal (1), se põe a mesa do banquete. Como os Anjos fizeram a Jesus<sup>(7)</sup>.

Deste modo, desde o início da sua celebração, se afirma o sentido da Páscoa: a nova aliança no Sangue de Jesus.

O Tríduo pascal é o único tempo do ano litúrgico em que se pretende seguir de perto, mesmo na liturgia, a cronologia dos factos celebrados. Assim, depois da memória da última Ceia, *os dois primeiros dias* do Tríduo — a Sexta-feira e o Sábado — são respectivamente o dia da Morte do Senhor e do repouso na sepultura; *o terceiro dia*, — o Domingo —, é o dia da Ressurreição, a surgir da Vigília, o qual nela tem a sua celebração maior.

O Tríduo pascal vai até às II Vésperas do Domingo. Mas a festa continua durante os 50 dias de alegria, ao longo do tempo que, por isso mesmo, recebe o nome de *Tempo pascal*.

---

40 dias de jejum, dado que ao Domingo nunca se jejuou, numa época em que o escrúpulo, quanto ao número de dias, desta forma de ascese, suplantou a perspectiva bíblica dos 40 dias simbólicos.

<sup>(3)</sup> Cf. *Missal Romano, Oração eucarística I*.

<sup>(4)</sup> Cf. *ib.*, *Oração eucarística III*.

<sup>(5)</sup> Cf. a Missa dominical celebrada na tarde de sábado, as I Vésperas do Domingo celebradas também ao entardecer de sábado e ainda as I Vésperas das Solenidades.

<sup>(6)</sup> *Calendarium Romanum, Normae universales* 19.

<sup>(7)</sup> Cf. *Mt.* 4, 11.

## O mistério

É fundamental recuperar o sentido do mistério celebrado neste tríduo, aquilo que é precisamente o objecto da celebração. Esse mistério é, numa só palavra, a *Páscoa*, a Páscoa do Senhor, a Páscoa da Igreja, a nossa Páscoa, a Páscoa eterna, o mistério pascal. O novo *Calendário Romano* resume assim o mistério da Páscoa: «A obra da redenção dos homens e da perfeita glorificação de Deus, realizou-a Cristo principalmente pelo seu mistério pascal, pelo qual, morrendo, destruiu a nossa morte e, ressuscitando, restaurou a vida»<sup>(8)</sup>. A morte foi o limite a que a obediência de Jesus à vontade do Pai O levou; a ressurreição é o ponto de chegada, o termo dessa passagem, através da morte, na comunhão com o Pai.

Morte e ressurreição não são, portanto, duas realidades justapostas, nem dois valores autónomos, mas duas fases do mesmo e único mistério, intimamente ligadas entre si, de tal modo que a ressurreição nasce da morte, pelo poder de Deus, como a vida brota do grão de trigo que morreu debaixo da terra<sup>(9)</sup>. É nesta mesma lógica que a morte do Senhor e a sua ressurreição não podem ser objecto de celebrações distintas, mas ambas se articulam na celebração única da Páscoa.

Morte e ressurreição são inseparáveis, caminham a primeira para a segunda, na continuidade de toda a caminhada de Jesus para o Pai. Por isso, a melhor definição do mistério pascal é talvez o que S. João escreveu no princípio da sua narração da última Ceia; «Sabendo Jesus que tinha chegado a hora de passar deste mundo para o Pai...»<sup>(10)</sup>. A Páscoa é esta passagem de Jesus deste mundo para o Pai. Seria talvez, por isso, mais preciso, ao procurar definir-se a Páscoa ou o mistério pascal, em vez de falar de «morte e ressurreição», dizer antes: «pela morte à ressurreição». Na verdade, a salvação não está em que Jesus tenha sofrido a morte, mas em que, pela morte, Ele tenha chegado à ressurreição.

Foi também levada por profunda intuição que a tradição cristã interpretou sempre a palavra *Páscoa* como significando *passagem* e, mais ainda, quando entendeu que essa passagem era, em última análise, a passagem deste mundo para o Pai, na linha de S. João.

É preciso ainda ter presente que a marcha pascal de Jesus Cristo, Ele a viveu como o Chefe de toda a humanidade, Ele que, assim como

<sup>(8)</sup> *Calendarium Romanum* 18.

<sup>(9)</sup> Cf. Jo 12, 24.

<sup>(10)</sup> Jo 13, 1.

é «o primogénito de toda a criatura», é também «o primogénito de entre os mortos»<sup>(11)</sup>. «Ele é a Cabeça do Corpo, isto é, da Igreja»<sup>(12)</sup>. Nele, feito novo Adão<sup>(13)</sup>, todo o homem é chamado a passar deste mundo para o Pai, a marchar confiante, desde as profundidades em que ele faz a experiência de todas as limitações, mesmo as do pecado e da morte — experiência última e universal —, até à participação da própria vida de Deus, na glória da ressurreição.

«Quem me libertará deste corpo que me leva à morte?» — pergunta S. Paulo<sup>(14)</sup>. E responde noutro lugar: «O último inimigo a ser destruído será a morte»<sup>(15)</sup>. E o Apocalipse acrescentará: «Não haverá mais morte»<sup>(16)</sup>. É o reino da Vida! «Eis que faço o universo novo!»<sup>(17)</sup> — diz o Senhor.

Tudo isto é a «nova criação»<sup>(18)</sup>, que, mais maravilhosamente do que a primeira, surge com o Ressuscitado, que, ao aparecer, num dia de Domingo, a S. João, na ilha de Patmos, faz de Si esta apresentação única: «Eu sou o Primeiro e o Último, o que vive! Estive morto, mas eis que vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da Morte e do Hades (a morada dos mortos)»<sup>(19)</sup>.

O *Símbolo* da fé cristã, fazendo eco a esta palavra, professa: «Espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há-de vir».

Tal é, em síntese, o mistério que a Igreja de Jesus Cristo celebra nas solenidades pascaís!

## A celebração

A Páscoa celebra-se nos três dias do Tríduo pascal, que devem ser considerados como fazendo uma unidade. O «centro» de todo o Tríduo é a *Vigília*, na noite da Páscoa, de Sábado para Domingo. Na origem, a única liturgia da Páscoa foi a desta vigília. E rigorosamente ainda hoje assim é. A Sexta-feira Santa e o Sábado Santo ainda hoje são dias alitúrgicos, isto é, sem Eucaristia. A Eucaristia de todo o Tríduo pascal é a da Vigília. Os dois primeiros dias encaminham-se para esta Vigília como para o seu vértice, e, dentro da Vigília, tudo culmina na Eucaristia, como sinal último que é da comunhão com Deus e em Deus, na qual atinge a sua plenitude a passagem deste mundo para o Pai.

<sup>(11)</sup> *Col* 1, 15 e 18.      <sup>(12)</sup> *Ib.* 1, 18.      <sup>(13)</sup> *Cf. I Cor.* 15, 45.

<sup>(14)</sup> *Rom.* 7, 24.      <sup>(15)</sup> *I Cor.* 15, 26.      <sup>(16)</sup> *Ap.* 21, 4).

<sup>(17)</sup> *Ib.* 21, 5.      <sup>(18)</sup> *II Cor.* 5, 17.      <sup>(19)</sup> *Ap.* 1, 18.

Os dias de *Sexta-feira Santa* e de *Sábado Santo* celebram-se no jejum e na abstenção dos sacramentos: «Seja coisa sagrada o jejum pascal, que deve ser observado, em toda a parte, na Sexta-feira da Paixão e Morte do Senhor e, se for oportuno, prolongado também pelo Sábado Santo, para que se chegue com o coração elevado e liberto às alegrias da Ressurreição do Senhor»<sup>(20)</sup>. Este jejum não é propriamente o jejum ascético, digamos assim, como na Quaresma, mas atitude de quem significa a comunhão com o Senhor que morre e é sepultado, ao mesmo tempo que a expectativa da festa, que a Vigília irá celebrar. É um jejum de sentido escatológico, significativo da tensão pascal contida na morte do Senhor e cujo fruto se revela na Ressurreição.

Mas o jejum mais significativo é o da Eucaristia. Os «dias da amargura», como chama S. Ambrósio à Sexta-feira Santa<sup>(21)</sup>, vão melhor com esta ausência da festa que toda a Eucaristia supõe; ou antes, como já foi dito, essa Eucaristia virá, mas no terceiro dia, na Vigília, como ponto de chegada da passagem pascal celebrada em todo o Tríduo.

A *Sexta-feira Santa* tem, no entanto, uma *liturgia da palavra*, segundo o esquema tradicional em celebrações deste tipo. O tema é naturalmente a Paixão do Senhor, proclamada, de maneira particular, na leitura de S. João.

À liturgia da palavra seguem-se dois ritos: a *adoração da Cruz* e a *comunhão*. O primeiro é um rito de inspiração popular, originário de Jerusalém, mas que, na sua expressão um tanto dramatizada, sublinha desde já o sentido pascal da Cruz: a Morte conduz à Vida. É de toda a conveniência que o rito possa dar lugar a certa manifestação por parte da assembleia, porque é essa mesma a sua razão de ser. Quanto à comunhão, ela tem oscilado entre o ter lugar ou não neste dia. Pode parecer, na lógica do que acima foi dito sobre a ausência de Eucaristia nestes dias, que este rito poderia não existir. Em qualquer caso, a distribuição da comunhão não é suficiente para destruir o carácter alitúrgico do dia. A comunhão pretende estabelecer uma união maior com o Sacrifício do Calvário, tema maior neste dia, e é uma como que segunda participação na Eucaristia celebrada na véspera, ao abrir a celebração do Tríduo.

O *Sábado Santo* não comporta nenhuma celebração. Mas não é um dia vazio; pelo contrário. É o dia do grande repouso. É um verda-

---

<sup>(20)</sup> Concílio Vaticano II, *Constituição sobre a sagrada Liturgia* (SC) 110.

<sup>(21)</sup> Cf. S. AMBRÓSIO, *Ep.* 23.



deiro *sábado* (sábado significa precisamente *repouso*). Como Deus repousou no sétimo dia depois de terminada a obra da primeira criação, assim agora Jesus descansa na paz do túmulo, uma vez terminada a obra da nova criação. Como as mulheres, que ficaram sentadas em frente do sepulcro, assim a Igreja se queda hoje no silêncio da meditação, contemplando: «Partiu o nosso Pastor, a fonte de água viva, a cujo transe o sol se obscureceu; pois foi feito cativo aquele que mantivera cativo o primeiro homem. Mas hoje o nosso Salvador quebrou as portas e os ferrolhos da morte»<sup>(22)</sup>.

O dia de Sábado Santo é o dia do grande silêncio, o dia da grande paz. Mas é, ao mesmo tempo, o dia da grande expectativa: o grão de trigo que caiu à terra «dará muito fruto»<sup>(23)</sup>: «Ó morte, eu serei a tua morte! Sepulcro, eu serei a tua destruição!»<sup>(24)</sup>. Esta paz e esta expectativa deveriam ser saboreadas e alimentadas na oração. Se não há celebração da Eucaristia, e percebe-se que é normal que não haja, poderia convocar-se a comunidade para um tempo de oração. Seria bom encontrar a continuação dos antigos Ofícios de Trevas da Semana Santa. Não serão já «de trevas», isto é, de noite, pois que o fim do dia ou a noite vão estar ocupados por outras celebrações. Mas as horas da manhã poderão oferecer ocasião para celebrar a *Liturgia das Horas*, tão sugestiva nestes dias. Tanto mais que eles são agora feriados.

### A grande Vigília

A grande celebração pascal é a *Vigília*, «mãe de todas as santas vigílias»<sup>(25)</sup>. Esta é a noite «em que todo o mundo está em vigília». S. Agostinho interroga-se: «Porque é que os cristãos estão hoje em vigília, numa solenidade anual? — É que hoje é a nossa maior vigília e não se pensa noutra solenidade do ano, quando perguntamos com impaciência: «Quando será a vigília?» — Dentro de tantos dias será a vigília». Como se, em comparação com esta, as outras nem se devam considerar vigílias»<sup>(26)</sup>. Sempre, mas sobretudo nesta noite, a vigília tem para a Igreja uma grande significação: é o sinal da sua expectativa do Senhor que há-de vir. E virá, como Senhor glorioso, tornar todo

<sup>(22)</sup> Responsório do antigo ofício de Trevas de sábado Santo.

<sup>(23)</sup> Cf. Jo. 12, 24.

<sup>(24)</sup> Antífona do Ofício de Laudes do sábado Santo.

<sup>(25)</sup> S. AGOSTINHO, *Sermão* 219 (PL 38, 1088).

<sup>(26)</sup> *Idem*, *Sermão sobre a Noite santa* (*Serm. Guelf*, 5).

o universo participante da sua glória de Ressuscitado. A Vigília pascal é o sinal da passagem definitiva deste mundo para o Pai; é a passagem pela água do Baptismo e a entrada na Terra prometida, onde, à mesa da ceia do Cordeiro, a Igreja saboreia o leite e o mel da Eucaristia, no festim nupcial da nova e eterna Aliança.

A celebração da Vigília é também o modelo de todas as celebrações cristãs: «depois de um breve Lucernário», a palavra e o rito. Este último é, nesta noite, o rito da iniciação completo: o Baptismo (e Confirmação) e a Eucaristia.

O *Lucernário* é um Ofício que acompanha o acender da lâmpada (*lucerna*) ao entardecer, no qual se celebra o triunfo da luz — Cristo ressuscitado — sobre as trevas que a noite vai trazer. O fundamental do Lucernário é o *acender do Círio* a *procissão* de entrada, guiada pelo Círio aceso, e o *precónio* ou anúncio da Páscoa. O precónio está concebido à maneira de uma oração eucarística, que, partindo da recordação das maravilhas de Deus, desabrocha em louvor e acção de graças, ao mesmo tempo que vai fazendo a apresentação da festa: «Esta é a noite...; ó noite feliz...».

O *corpo da Vigília* começa depois, com a *celebração da palavra*. Nela «a santa Igreja medita as maravilhas que Deus, o Senhor, desde o princípio fez em favor do seu povo e, nesta meditação, ela se entrega com confiança à sua palavra e à sua promessa»<sup>(27)</sup>. Das origens (o Génesis, a criação, 1.<sup>a</sup> leitura) ao fim dos tempos (a Ressurreição, última leitura), a Vigília faz a síntese de toda a história da salvação, dando-lhe, como coroa, Cristo Ressuscitado. À luz do Círio pascal, a Bíblia, mais do que um livro do passado, é o livro do futuro. A celebração desta noite vai ensinar-nos a escutar a palavra de Deus como aquela que dá o sentido último à história dos homens.

A Vigília pode ser mais ou menos longa, conforme «as circunstâncias pastorais» o aconselharem<sup>(28)</sup>. Há hoje circunstâncias várias, em que os fiéis são convocados, e estão presentes, para veladas de oração, até durante toda a noite. Será bom redescobrir o sentido único da Vigília pascal, antes de tomar resoluções sobre a abreviação ou não da mesma, pois que «circunstâncias pastorais» não é necessariamente o mesmo que desistir de nivelar por cima!

---

<sup>(27)</sup> *Missal Romano, Domingo da Ressurreição, Vigília pascal 2.*

<sup>(28)</sup> *Ib.* 21.

Depois da palavra, o *rito*. Em primeiro lugar, o *Batismo*. Em princípio, a liturgia baptismal desta noite orienta-se para o batismo dos catecúmenos. Dado, porém, que a celebração do Batismo pode acontecer noutras épocas do ano, pode também acontecer que a liturgia baptismal desta noite se oriente tão só para a renovação das promessas do Batismo dos fiéis. Neste caso, apenas se prepara nesta altura a água baptismal que há-de vir a ser usada na celebração do Batismo ao longo do Tempo pascal, pretendendo assim marcar, até ritualmente, a unidade de todo esse tempo, como prolongamento festivo da Páscoa.

Se houver adultos para receber o Batismo, estes recebem também a Confirmação imediatamente depois do Batismo, mesmo que não esteja presente um bispo<sup>(29)</sup>. «Por esta conexão pretende significar-se a unidade do mistério pascal, a relação necessária entre a missão do Filho e a efusão do Espírito Santo e a união entre os sacramentos, pelos quais uma e outra das pessoas divinas vem aos baptizados juntamente com o Pai»<sup>(30)</sup>.

Por último, celebra-se a *Eucaristia*. Não se trata de uma Missa acrescentada à Vigília, mas do seu momento culminante. A Eucaristia é o termo da iniciação cristã. Do ponto de vista ritual, alguém só acabou de entrar completamente na comunidade cristã, quando, depois de ter renascido da água e do Espírito Santo e de ter sido marcado com o sinal deste mesmo Espírito, se sentou finalmente à mesa do Senhor, a Eucaristia.

Além disso, a Eucaristia é o sacramento pascal por excelência, porque ela é o anúncio da morte e da ressurreição do Senhor, com que os cristãos celebram o mistério pascal «até que Ele venha»<sup>(31)</sup>, ao mesmo tempo que é, e por isso mesmo, o sinal sacramental do banquete celeste, o «banquete de núpcias do Cordeiro»<sup>(32)</sup>, termo da passagem pascal, celebrada em toda a Vigília. O Corpo e o Sangue do novo Cordeiro pascal é aquele leite e mel, que saboream os que entram na Terra prometida, na Igreja de Cristo, enquanto se não sentam, de novo, à mesa com o Senhor, no reino do Pai<sup>(33)</sup>.

JOSÉ FERREIRA

<sup>(29)</sup> Cf. *Ritual da Confirmação, Preliminares 7 b*).

<sup>(30)</sup> *Ritual do Batismo dos Adultos, Preliminares 34*.

<sup>(31)</sup> *I Cor.* 11, 26.

<sup>(32)</sup> *Ap.* 19, 9.

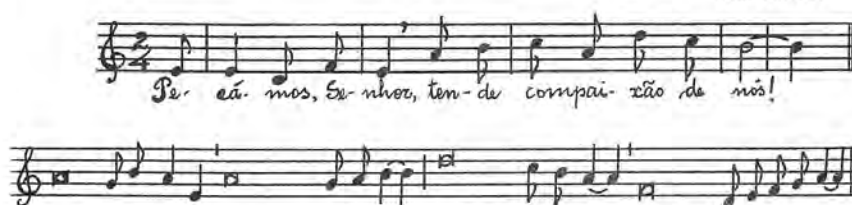
<sup>(33)</sup> Cf. *Mt.* 26, 29.

# O Salmo Responsorial

Além do *salmo responsorial* próprio para cada Domingo, (e até para cada dia), o *Leccionário* apresenta uma série de *Salmos comuns* e ainda de *Refrães comuns* que se propõem para poderem ser utilizados onde não seja possível cantar salmo próprio de cada dia, mais articulado com a respectiva leitura. É uma solução pobre, mas, por vezes, a única possível. A admissão destes salmos e refrães comuns mostra até que ponto se pretende facilitar e estimular o canto do salmo responsorial na celebração da palavra. Lançar mão de um cântico «qualquer», ou mesmo de um cântico bom, mas desarticulado *daquela* celebração da palavra, é como que outra forma de continuar a rezar o terço durante a Missa!

## Salmo comum

M. Simões



## Primeiro Domingo da Quaresma

M. Luís

Refrão *Andante*

Es- tai co- mi- go, Se- nhor, no mei- o da a- dor- a- ção

da- de, es- tai co- mi- go, Se- nhor.

Salmo

## Segundo Domingo da Quaresma

M. Faria

Refrão



O Se-nhor é a mi-nha luz e mi-nha sal-va-  
ção. O Se-nhor é a mi-nha luz e mi-nha sal-va-ção

Salmo



## Terceiro Domingo da Quaresma

M. Simões

Refrão



O Se-nhor é de-men-te e chei-o de com-pai-xão.

Salmo



## Quinto Domingo da Quaresma

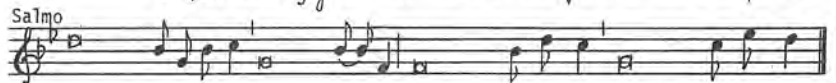
M. Faria

Refrão



O Se-nhor fez ma-ra-vi-lhas em fa-vor do seu po-vo.

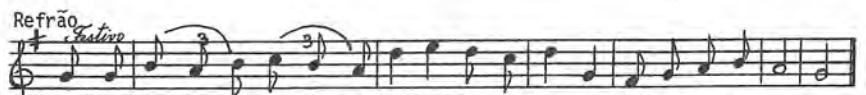
Salmo



## Domingo de Páscoa

M. Luís

Refrão



Eis o di-a que fez o Se-nhor, re-le-xul-te-mos e nos a-le-gra-mos.

Salmo



## CELEBRAR A RECONCILIAÇÃO EM COMUNIDADE

Com o título «Celebração da Penitência» foi publicado há um ano o texto oficial em língua portuguesa do «Ordo Paenitentiae».

Entre as novidades que o novo ritual apresenta, justo é salientar as celebrações comunitárias da reconciliação (cap. II e III). É certo que qualquer que seja a sua forma — comunitária ou individual — a celebração do sacramento é sempre manifestação do mesmo e único perdão de Deus. No entanto, «a celebração em comum manifesta a natureza eclesial da penitência: na verdade, os fiéis escutam em conjunto, a palavra de Deus..., ponderam a sua vida, confrontando-a, em conjunto, com a mesma palavra de Deus e ajudam-se mutuamente na oração»<sup>(1)</sup>. Ora, por vontade expressa do Concílio Vaticano II, «sempre que os ritos comportam... uma celebração comunitária... há-de inculcar-se que esta deve preferir-se, na medida do possível, à celebração individual e como que privada...»<sup>(2)</sup>.

A reflexão que se segue nada mais pretende ser do que uma ajuda aos que têm a responsabilidade de preparar celebrações comunitárias da reconciliação.

### QUANDO CELEBRAR?

As Quatro-têmporas foram, durante séculos, o ritmo tradicional da penitência exterior e social da Igreja. Por razões óbvias, as estações do ano deixam cada vez mais indiferente uma civilização que de camponeses e agrícolas se tornou citadina e industrial.

No entanto as comunidades cristãs continuam, hoje como ontem, a ser convidadas por Deus, em determinados tempos, a «mudar de

---

<sup>(1)</sup> Celebração da Penitência, Preliminares, 22.

<sup>(2)</sup> Constituição sobre a Liturgia, 27.

sentimentos e de vida» e a celebrar essa «metánoia» no sacramento da Penitência. É o Ano Litúrgico que marca esse ritmo.

No Advento, João Baptista anuncia a penitência e a remissão dos pecados. Como ouvir a sua mensagem sem celebrar a Penitência e receber a absolvição? Mas, de modo particular, é a Quaresma «o principal tempo de penitência tanto para cada fiel, como para a Igreja toda. Convém, por isso, que neste tempo a comunidade cristã se prepare, por meio de celebrações penitenciais, para uma participação mais plena no mistério pascal»<sup>(3)</sup>. Como experimentar essa passagem da morte à vida com Cristo Ressuscitado (mistério pascal) sem celebrar a Penitência e receber de Deus, em Igreja, o sinal da sua Reconciliação?

Advento e Quaresma, dois tempos fortes da celebração comunitária da Penitência, propostos pelo ritmo do Ano Litúrgico.

## COMO PREPARAR A CELEBRAÇÃO?

### 1. Anunciá-la

Em liturgia, a maneira de preparar uma celebração conta tanto como a celebração em si mesma. Por outras palavras: uma boa celebração penitencial depende directamente de todo um trabalho pastoral prévio.

Preparar uma celebração comunitária há-de ser, pois, em primeiro lugar, anunciá-la, promulgá-la como mensagem que é, e mensagem que se confunde com o essencial do cristianismo. Não se trata portanto de «avisar» a comunidade que vai haver confissões ou que vai realizar-se uma celebração penitencial. João Baptista não fazia avisos; proclamava uma transformação necessária e urgente ao dizer: «Arrependam-se do mal, mudem de vida... e Deus vos perdoará os pecados» (Mc 1, 4). Quanto a Jesus, era nestes termos que Ele pregava: «Arrependam-se dos pecados e acreditem na Boa Nova. Este é o momento próprio! O Reino de Deus está a chegar» (Mc 1, 15). Do mesmo modo se comportavam os Apóstolos «dizendo a todos que tinham de converter-se» (Act 2, 38).

Por falta desta promulgação litúrgica, o cristão e a comunidade podem não chegar a descobrir o verdadeiro sentido da celebração

---

<sup>(3)</sup> Celebração da Penitência, Apêndice II, 5.



comunitária, que é resposta sua a um convite à conversão que Deus lhes dirige pela Sua Palavra. Mais ainda: sem ela, é difícil a uma comunidade de crentes respeitar as etapas normais da penitência evangélica bem marcadas na parábola do filho pródigo, e da qual a Penitência-sacramento comporta todos os momentos: cair em si (Lc 15, 17), tomar a sua decisão (15, 18), pôr-se a caminho pela conversão do coração (15, 20), chegar à confissão (15, 21) e à reconciliação (15, 24).

## 2. Concretizá-la

Após este anúncio «oficial» da Penitência comunitária, talvez seja útil distribuir, uma semana antes da celebração, folhas policopiadas propondo um exame de consciência (por exemplo, o indicado no Apêndice III da «Celebração da Penitência», ou outro mais adaptado às circunstâncias). A distribuição ganharia em ser precedida de uma breve palavra acerca do *carácter comunitário* (social e eclesial) do pecado, da penitência e do perdão e ainda dos seus aspectos *festivo* («haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende...» (Lc 15, 7); «vamos fazer uma festa, porque este meu filho estava morto e voltou a viver» (Lc 15, 24), e *sacramental* (a liturgia da Penitência é um acto do mistério pascal, é um gesto de Cristo Salvador, em continuidade com o perdão libertador que Ele concedeu a Zaqueu, à mulher adúltera, ao bom ladrão...).

## A CELEBRAÇÃO

### 1. Construir o seu esquema

A confissão será sempre um acto custoso. Mas a prática mostra que as celebrações comunitárias da Penitência permitem vencer determinadas dificuldades tradicionais e trazer ao sacramento fiéis, principalmente jovens, que de há muito dele andavam afastados. Daí o grande cuidado que tem de ser posto na elaboração do esquema da celebração. Já lá vai o tempo de utilizar os livros litúrgicos à primeira vista. Nem tudo vale de igual modo para todas as ocasiões e para toda a gente. Uma é a espiritualidade do Advento, outra a da Quaresma. Há que fazer aqui apelo à sensibilidade pastoral daqueles que têm a responsabilidade, pois é diferente a capacidade dos adultos e das crianças;

uma é a pastoral dos jovens, outra a dos doentes. E em relação a cada um dos tempos do Ano Litúrgico, uma é a palavra de Deus que prepara a comunidade para fortalecer ou restaurar a graça do Baptismo, outra a que a leva a uma participação mais plena no mistério pascal de Cristo.

Impõe-se, portanto e antes de mais, conhecer toda a riqueza e possibilidade que oferece o «Ordo Paenitentiae». Os responsáveis pela edição em língua portuguesa tiveram a preocupação de facilitar o mais possível a compreensão dos vários esquemas. Mas nem tudo foi feito. Torna-se indispensável percorrer, demorada e pacientemente, as suas duas centenas e meia de páginas impressas, ricas de conteúdo e o que mais é, de sugestões pastorais. A construção de um esquema adaptado a cada caso depende primeiramente disso. No entanto, há um quadro geral a ter em conta para dar ritmo à celebração, e que, esquematicamente, ordenaríamos do modo seguinte:

A) *RITOS INICIAIS* (duração 5 minutos)

1. Cântico de entrada
2. Saudação do presidente
3. Palavra de acolhimento e explicação
4. Convite presidencial à oração
5. Silêncio
6. Oração de conclusão

B) *CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS* (20-25 minutos)

7. Leitura bíblica
8. Salmo responsorial
9. Leitura do Evangelho
10. Homilia
11. Exame de consciência

C) *RITO DA RECONCILIAÇÃO* (25-30 minutos)

12. Confesso a Deus todo-poderoso
13. Convite do ministro
14. Invocações penitenciais
15. «Pai nosso»
16. Confissão e absolvição individual (música de órgão gravada)
17. Proclamação do louvor
18. Oração de conclusão

D) *RITOS DE CONCLUSÃO* (5 minutos)

19. Bênção
20. Despedida

## 2. No acto de celebrar

Para que a celebração manifeste toda a sua riqueza litúrgica, convém ter em conta alguns dos elementos do esquema e dedicar-lhes particular atenção.

### 1. *Cântico de entrada*

Este cântico deve criar o clima da celebração. Escolher-se-á de preferência um já conhecido, ou ter-se-á o cuidado de ensinar algum que seja adaptado ao tempo litúrgico e ao motivo da celebração.

### 3. *Palavra de acolhimento e explicação*

Uma palavra simples, que pode partir da saudação à assembleia e incluir a apresentação dos concelebrantes.

### 4. *Convite à oração*

O presidente fará acompanhar sempre o seu convite à oração de uma breve palavra que recorde a circunstância que motiva a celebração (Advento, Quaresma, penitência pela paz, etc.).

### 5. *Silêncio*

A oração correria o risco de ser apenas formalismo, se a comunidade não se encontrasse num silêncio interior. A oração litúrgica tem um ritmo: oração silenciosa-oração em voz alta.

### 6. *Oração de conclusão*

Ela reúne e resume todo o rito de entrada. Daí a criteriosa escolha que se impõe e eventualmente a indispensável adaptação de que deve ser objecto.

### 7.-9. *Leituras bíblicas*

Elas são de importância capital, porque não existe gesto sacramental que não tenha, por pano de fundo, a Palavra de Deus. Na celebração comunitária da Penitência é a Palavra de Deus que ilumina a consciência e nos revela as dimensões do pecado e do amor de Deus. Aquele que organiza uma celebração penitencial há-de saber tirar proveito da extraordinária riqueza do leccionário do novo ritual, convencido de que, na Palavra, é Deus que vem dizer ao seu povo as palavras que este tem necessidade de ouvir aqui e agora.

10. *Homilia*

A homilia tem uma dupla função nestas celebrações:

— manifestar sem equívocos que é Deus

- que convida o homem pecador a pôr-se em causa
- que o chama a converter-se
- que nele faz nascer a conversão
- que lhe dá o gosto de viver da Sua Palavra.

— afirmar que esta celebração é a concretização da Palavra anunciada e que Deus vai realizar hoje, no sacramento, aquilo que ouvimos contar na leitura.

A homilia, mais do que explicação de um texto é a apresentação da Palavra de Deus que nos interpela em duas direcções: Que vivemos nós? Que celebramos nós? Vivemos um dia a dia cheio de luzes e sombras; celebramos, hoje e aqui, a reconciliação que só Deus oferece e pode dar-nos.

11. *Exame de consciência*

Ele deve fundar-se na Palavra de Deus anunciada (Decálogo, parábola do filho pródigo, Bem-aventuranças...) e ter em conta a realidade de cada assembleia.

16. *Confissão e absolvição individual*

Durante as confissões, os padres devem lembrar-se que estão a *celebrar*. Por isso devem acolher fraternal e humanamente os seus penitentes e principalmente não hão-de omitir o gesto tradicional e tão rico de sentido da absolvição: a *imposição das mãos* sobre a cabeça inclinada do penitente. Vem a propósito lembrar que o número de confessores deve ser directamente proporcional ao dos penitentes, a fim de não alongar a celebração para lá de limites razoáveis. Estamos a pensar na equação: 15 penitentes 1 confessor, como ideal.

17. *Proclamação do louvor*

A celebração deve terminar em clima acção de graças e louvor, de paz e alegria. Deus perdoou ao seu povo. Um hino cantado por toda a assembleia conviria perfeitamente.

18. *Oração de conclusão*

Só o presidente a pronuncia, depois de todos os confessores terem regressado e se encontrarem à sua volta.

Se possível, esta oração deveria ser cantada de modo solene, solicitando assim o *Amen* cantado por todos os participantes.

20. *Despedida*

A assembleia, uma vez despedida, lembrar-se-á que a vida pascal em acção de graças dura tanto como a existência cristã.

LEÃO CORDEIRO

## Critérios fundamentais para escolher os cânticos litúrgicos

A *Constituição sobre a Sagrada Liturgia* afirma que o canto sagrado «intimamente unido ao texto, constitui parte necessária e integrante da Liturgia...» e, seguindo a tradição patrística e os documentos do magistério mais recente, sublinha «a função ministerial da música sacra no culto divino»<sup>(1)</sup>. Isto significa que a música sacra não tem na Igreja uma função autónoma mas, sendo parte integrante da Liturgia, está ao serviço da celebração e sujeita às suas leis. A compreensão desta perspectiva é fundamental para situar a música na Liturgia, e para a apreciar, valorizar e utilizar correctamente.

Que o canto tem uma importância muito grande e que é, no dizer do P. Gelineau, a melhor forma de participar, todos o sabem. O problema surge quando se pensa no género de cânticos a adoptar nas celebrações. Porque não basta cantar nem cantar qualquer coisa: é necessário escolher cânticos de qualidade, capazes de levar a assembleia a uma participação activa no mistério pascal de Cristo, que está presente, actualizando-o em favor dos que celebram a sua Ressurreição. Por isso, aquele cuidado com que devem preparar-se as leituras, as admonições, a homilia, as orações, etc., deve acompanhar também a escolha dos cânticos; é que eles, talvez ainda mais do que os outros elementos, modelam e marcam, com a sua tonalidade e qualidade (ou pobreza), a celebração. O canto deve ser a voz jubilosa de uma assembleia viva, reunida na fé e na esperança, para celebrar o seu Senhor; daqui a sua nobreza e exigência de qualidade. A cedência a soluções fáceis e imediatas de mau gosto, com prejuízo dos valores autênticos da celebração cristã, revela grave falta de responsabilidade pastoral e é, no fundo, uma traição às judiciosas normas da Igreja nesta matéria e às exigências espirituais

---

<sup>(1)</sup> SC, 112.

dos cristãos, que assim se vêem privados de uma participação mais rica na linha da fé, e empurrados para celebrações sem nível nem abertura ao transcendente. O problema da música litúrgica insere-se assim numa problemática muito mais vasta e funda, que é a problemática da celebração. É urgente que pastores e responsáveis litúrgicos procurem descobrir o sentido teológico e pastoral das celebrações e formem correctamente, segundo o espírito da Igreja, as comunidades: aparecerão assim definidos com mais clareza os princípios que dizem respeito à música litúrgica.

Apontemos, embora resumidamente, alguns critérios que hão-de orientar a escolha dos cânticos (só a estes nos referimos agora) para as celebrações litúrgicas.

### 1. A música deve ter valor objectivo

A música entra na Liturgia, como elemento constitutivo da celebração, enquanto é arte dos sons. Ela é uma linguagem, um modo de expressão artística, um meio de comunicação de sentimentos e de afectos, com leis próprias: rege-se por uma gramática e por uma estética compendiadas a partir da experiência, da sensibilidade e da reflexão dos mestres que a serviram e que ela fez grandes. A ciência da composição musical não se improvisa; é pela ciência que se encontra a forma musical que veicula o sentimento.

Na Liturgia não podem exigir-se obras primas, mas a natureza da celebração exige música séria, com o mínimo de qualidade estética e de nível artístico; a esta qualidade chamamos *valor objectivo*. Sem este valor objectivo não há arte; é na medida em que está ornada de valor objectivo que a música é verdadeiramente arte ao serviço da Liturgia, exprimindo na linguagem que lhe é própria, a dos sons, os valores da fé!

A *Instrução Musicam Sacram* fala de *perfeição de forma*<sup>(2)</sup>: é o tal valor objectivo, a fidelidade às leis da linguagem musical, o respeito pela regras da composição. E fala também de *santidade*: a santidade é a qualidade que torna a música capaz de se unir a um texto litúrgico e de exprimir sentimentos, suscitar vibrações afectivas da ordem da fé. A técnica está ao serviço de uma mensagem estética que, na celebração litúrgica, tem a ver, com o que se celebra. Por isso, a música litúrgica nunca pode ser banal: a glória de Deus realiza-se pela elevação do homem ao nível do Mistério celebrado. É missão da música, especial-

(2) Instr. MS, 4.

mente do canto, despertar no coração do homem tocado pela graça da celebração sentimentos de oração que o elevem até ao Pai.

O canto gregoriano e a polifonia sacra, pela elevação da sua linguagem, pela riqueza da sua mensagem estética e pela subordinação ao texto litúrgico permanecem como modelos insuperáveis da música vocal litúrgica, numa afirmação sempre válida do valor da beleza como meio de comunhão fraterna e com Deus.

A *perfeição de forma* e a *santidade* da música litúrgica exigem que ela seja praticada com meios nobres e de acordo com o seu estilo; quer dizer: se para certo tipo de cânticos é admissível o acompanhamento de uma viola ou a discreta intervenção de um instrumento de percussão, para outros de estilo mais nobre, por exemplo, uma peça de polifonia clássica, tem de respeitar-se a sua natureza peculiar. Em todos os casos, os meios de execução vocais ou instrumentais, devem respeitar a nobreza, a sobriedade e a elevação da música litúrgica e da celebração.

Nem sempre é fácil descobrir num primeiro contacto a mensagem espiritual de um cântico. Devemos procurar estudar a melodia isolada do texto; descobrir o seu frasejo, os acentos, o desenvolvimento e a sua riqueza expressiva; se a melodia «não diz nada» também não vai valorizar o texto. Há melodias que se vão revelando à medida que se vão repetindo — são as que têm mensagem; outras, agradáveis à primeira audição, depressa dão o que tinham a dar. Para textos densos melodias densas.

Para concluir: apesar da existência de dificuldades pastorais concretas, como a falta de tempo, de coro, ou de meios para ensaiar, e até a falta de cânticos que respondam às necessidades dos vários grupos, não podemos renunciar a um critério de escolha que tenha em conta a qualidade da música, e isto por exigência da própria celebração e pelo respeito pela capacidade das pessoas de aceitarem música mais exigente. Não devemos confundir popular com vulgar e devemos cultivar uma liturgia acessível nas suas formas de expressão musical, mas com um autêntico conteúdo de beleza e de fé.

## 2. A música deve revestir de beleza um texto com valor litúrgico

Sobre a qualidade dos textos a serem cantados afirma a *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*: «Os textos destinados ao canto sacro devem

(\*) SC, 121.



estar de acordo com a doutrina católica e inspirar-se sobretudo na Sagrada Escritura e nas fontes litúrgicas»<sup>(4)</sup>. E sobre o valor do canto diz a *Instrução Musicam Sacram*»<sup>(4)</sup>: «A acção litúrgica adquire uma forma mais nobre quando se realiza com canto; desta maneira a oração toma uma forma mais penetrante»<sup>(5)</sup>.

A música na Liturgia está ao Serviço da Palavra. Esta é já em si um acontecimento sonoro, de ordem musical, — pelo menos com potencialidades musicais —, mas na Liturgia é acontecimento religioso, que revela Deus ao homem e o homem o Deus, é expressão de comunhão na graça e no amor, que tem o seu ponto de referência no Verbo de Deus, Palavra divina que se fez palavra humana. Daqui a importância de todos os textos que entram na celebração e o cuidado da Igreja em os defender da corrupção das ideias e da vulgaridade da forma: eles são a fala de Deus ou a expressão da fé e da oração dos filhos de Deus. Também os que são a linguagem do homem de hoje, dos seus gritos de dor, dos seus apelos ou das suas alegrias («cânticos de mensagem», como se diz) têm lugar na celebração litúrgica, quando põem o homem frente a Deus, nas perspectivas que lhe vêm da Bíblia e da fé da Igreja. A palavra do crente que reza e canta deve encontrar sempre uma referência na Palavra do Senhor.

A música serve, exprime de um modo belo, amplia em ondas sonoras, tornando-a mais penetrante e eficaz, esta palavra e está-lhe subordinada, vive para ela; e de tal maneira que, se não serve a palavra, não tem lugar na Liturgia. Serve-a despertando no íntimo dos membros da assembleia os sentimentos e os afectos sugeridos por ela.

Por isso, é a natureza do texto e a sua função na celebração que determina o estilo da música e a sua forma: um *salmo responsorial* tem uma forma musical diferente de uma *Glória* ou de uma *aclamação ao Evangelho*. Afirmo a *Instrução Musicam Sacram*: «uma organização autêntica da celebração litúrgica requer que se observem bem o sentido e a natureza própria de cada parte e de cada canto»<sup>(6)</sup>. Muito contribui para a unidade e para a riqueza da celebração a escolha criteriosa dos cânticos para cada momento; o solista e o coro devem compreender que não entram na celebração para apresentar a última novidade ouvida ou para brilhar, mas para servir uma comunidade orante. Quantas vezes a música e os textos cantados seguem uma linha divergente da que é exigida pela celebração!

---

<sup>(4)</sup> CS, 121.

<sup>(5)</sup> Instr. MS, 5.

<sup>(6)</sup> *Ibi.*, 6.

A ligação da melodia ao texto entende-se:

- *no sentido gramatical*: respeito pela natureza da palavra, dos acentos, do frasejo; a música não pode atropelar a palavra, deve nascer dela, respeitar o seu ritmo. Assim se compreende a reserva que se põe às adaptações de melodias velhas a textos novos!
- *no sentido expressivo*: alguma coisa parecida com a oratória: pôr em realce as palavras mais importantes pelo seu conteúdo, acompanhar melodicamente o desenvolvimento da frase num esforço por que a proclamação bela da palavra corresponda a vibração afectiva. É necessário tratar com especial cuidado e carinho os textos bíblicos e os mais importantes da celebração.

Concluindo: quanto mais uma melodia valorizar um texto litúrgico, revestindo-o de beleza e tornando-o mais expressivo, dando-lhe a forma exigida pelo lugar que ele ocupa na celebração, mais funcional é para a Liturgia.

### 3. A música deve levar a comunidade que celebra a uma maior participação

Assim se exprime a *Instrução Musicam Sacram*:

«Na selecção do género de música sacra, tanto para o grupo dos cantores como para o povo, ter-se-ão em conta as possibilidades dos que hão-de cantar. A Igreja não recusa nas acções sagradas nenhum género de música sacra, contanto que corresponda ao seu espírito e à natureza de cada uma das suas partes e não impeça a necessária participação activa do povo» (7).

A expressão viva e comunitária da fé é um elemento importante para a sua assimilação. O canto, exprimindo a consciência da unidade na fé, dá um dinamismo e uma força extraordinária a uma assembleia. A «glória de Deus e a santificação dos homens», que a *Constituição sobre a Sagrada Liturgia* apresenta como fim da música sacra (8), realizam-se ali na medida em que os membros daquela assembleia participam. E não basta que eles escutem, mas devem participar cantando; por isso os cânticos devem ser acessíveis à maior parte deles. Seria muito

---

(7) Ibi., 9.

(8) SC, 112.

cómodo chamar um coro de nível ou um conjunto musical para tornar mais brilhante e atraente uma celebração (e não falta por aí quem o tenha feito na mira de atrair as pessoas, mas na Liturgia a participação faz-se ordinariamente intervindo, cantando, embora se possa também participar ouvindo). A exigência de participação comunitária de uma assembleia concreta supõe evidentemente a qualidade dos cânticos, mas condiciona o seu estilo e a sua linguagem, que devem ser acessíveis às pessoas, como condiciona também a escolha dos meios de expressão musical. Uma assembleia especializada (de jovens, de casais, de operários, etc.), muito mais que a assembleia dominical, permite uma celebração mais viva e participada por todos; mas mesmo aqui não deixa de ser uma celebração litúrgica que só serve a comunidade na medida em que o é realmente; por isso, não podemos admitir um cântico ou meio de expressão musical qualquer. É inadmissível a transposição para a Liturgia de cânticos ou meios expressivos que nasceram e têm sentido na vida profana, sem conteúdo de fé nem capacidade para assumir a linguagem litúrgica; mas um sério critério pastoral pode aceitar cânticos ou meios expressivos que, possuindo aquele mínimo de qualidade e conteúdo exigidos, correspondam, ao nível cultural, à sensibilidade e às possibilidades concretas dos participantes. Não concluamos daqui que tudo é aceitável, — o que fica dito atrás, nos números 1 e 2, deve ter-se sempre em conta —, mas também não podemos ignorar uma mudança de mentalidade, evidente, por exemplo, quanto ao significado do ritmo e de certas formas de expressão musical, e a pobreza de meios de muitas comunidades que, não tendo acesso ao ideal, recorrem ao possível.

De novo tocamos no problema de fundo: a celebração. Um pastor, um responsável pelo canto, um grupo coral que sabem o que é celebrar a Liturgia, que conhecem as leis da celebração e o lugar do canto e que estão atentos às pessoas, saberão aproveitar os recursos disponíveis sem cedências a facilidades ou a modas passageiras e sem se deixarem pressionar por pessoas bem intencionadas mas impreparadas. Por isso, é necessário preparar os intervenientes nas celebrações, cultivar-lhes o gosto, dar-lhes perspectivas; uma celebração digna tem, para além do seu valor específico, também uma grande função pedagógica, e até com meios pobres se pode montar uma bela celebração litúrgica.

#### 4. Conclusão

Palavras de S. S. Paulo VI aos membros da Associação Italiana de Santa Cecília:

Quereríamos fazer-vos uma recomendação: de terdes sempre, em primeiro lugar, como principal preocupação, para vós e para as outras almas, o *sensus Ecclesiae*, sem o qual o canto, em vez de ajudar a fundir os ânimos na caridade, pode, pelo contrário, ser fonte de descontentamento, de dissipações, de profanação do que é sagrado, e até de divisões na mesma comunidade dos fiéis. *Sensus Ecclesiae* quer dizer, para vós, haurir, na obediência, na oração e na vida interior, as razões nobres que elevam a vossa actividade musical; *sensus Ecclesiae* quer ainda dizer estudar a fundo os documentos pontifícios e conciliares para estardes continuamente actualizadas sobre os critérios que regulam a vida litúrgica.

Regozijamo-Nos, portanto, com a Associação Italiana de Santa Cecília e com o seu digno Presidente Nacional, Dom António Mistrorigo, Bispo de Treviso, por ter dado esta clara orientação ao Congresso. O lema: «Amor e fidelidade à Igreja», assim como a parte formativo-espiritual e a técnico-musical em que ele se divide, manifestam claramente que foi necessária a vossa obra no interior da Igreja. *Sensus Ecclesiae* quer dizer, por fim, discernimento no que se refere à música na Liturgia: nem tudo é válido, nem tudo é lícito, nem tudo é bom. Aqui, «o sagrado» deve juntar-se ao «belo», numa síntese harmoniosa e devota, que permita às diversas assembleias exprimirem plenamente a sua fé, para a glória de Deus e para a edificação do Corpo Místico, segundo a própria capacidade.

Sabei, portanto, fazer uma escolha primorosa, sábia e imparcial dos cânticos sacros, para que — guiadas pelas normas da Igreja, pela vossa sensibilidade litúrgica e, também, pelo estudo e pela educação do gosto — possais chegar definitivamente a um «*corpus*» de cânticos litúrgicos italianos, que nos decénios futuros estejam nos lábios e nos corações dos fiéis. A Constituição sobre a Sagrada Liturgia aconselha aos músicos «que as suas composições se apresentem com as características da verdadeira música sacra..., os textos, destinados ao canto sacro, devem estar de acordo com a doutrina católica, e inspirar-se sobretudo na Sagrada Escritura e nas fontes litúrgicas» (SC, 121). Ora, será neces-

sário verificar se as diversas composições sacras são verdadeiramente fiéis a estas normas: quanto à música, que não seja só inspirada na moda, tão mutável e, algumas vezes, privada de valor espiritual e também artístico. Preocupai-vos, portanto, em escolher, para a Liturgia, aquelas músicas em que, à concreta funcionalidade seja aliada dignidade de arte e sensibilidade de oração. Quanto aos textos, o trecho citado pelo Concílio é explícito: procure-se, por conseguinte, obter composições verdadeiramente válidas, deixando aquelas expressões que, algumas vezes, não fazem honra nem ao conteúdo sagrado nem à forma da língua italiana, revelando-se, nalguns casos, monótonas, vulgares, mais em forma de «slogan» do que de oração.

Outros textos e outras músicas que, sem ter a aspiração de ultrapassar as portas do templo, estejam de acordo com as exigências modernas, especialmente da juventude, poderão ser utilizados noutras ocasiões, de distração alegre e ponderada, de encontros de reflexão e de estudo, de modo a corroborar com o canto as decisões e o fervor. Mas, na Liturgia, «exercício da função sacerdotal de Cristo, (...) obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo, que é a Igreja,... acção sagrada por excelência» (*Ibid.* 7), deve escolher-se o que for mais apropriado ao seu carácter sublime e peculiar. É aqui que se deve exercer aquele *sensus Ecclesiae* que servirá para guiar o vosso juízo e as vossas escolhas<sup>(9)</sup>.

Que a Virgem Maria e Santa Cecília vos guiem para conservardes intacta a vossa dedicação a Cristo Senhor, pondo totalmente ao seu serviço os dotes que vos deu. É o que pedimos para vós, a fim de vos conceder «a alegria do coração» (Ecli., 50, 25) e, em seu Nome, Nós vos abençoamos a todas, assim como aos vossos institutos, às obras e pessoas a quem vos dedicais e à benemérita Associação Italiana de Santa Cecília, fazendo votos por que chegueis a metas cada vez mais alegres e prometedoras.

MANUEL LUÍS

---

(9) Trad. port. em *Nova Revista de Música Sacra*, n.º 3 (1971).